



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Abril 2026

v. 6 n. 58

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520





INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Abril 2026

v. 6 n. 58

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520



APRESENTAÇÃO

A International Integralize Scientific configura-se como um periódico científico mensal dedicado à difusão rigorosa e qualificada do conhecimento acadêmico. Com publicações predominantemente em língua portuguesa e contribuições consistentes em inglês e espanhol, a revista consolida-se como um espaço editorial multicultural, orientado ao diálogo científico internacional e ao fortalecimento da produção intelectual brasileira no cenário global.

Alinhada a elevados critérios de avaliação acadêmica, a revista privilegia a publicação de artigos inéditos de discentes e docentes provenientes de distintas áreas do saber, reconhecendo a ciência como campo plural e interdisciplinar. Cada manuscrito submetido passa por criteriosa análise técnico-científica em regime de avaliação por pares, assegurando integridade metodológica, consistência teórica e relevância social dos resultados apresentados. Dessa forma, a International Integralize Scientific reafirma seu compromisso institucional com a circulação responsável do conhecimento e com o fortalecimento da cultura de pesquisa.

Sua missão institucional consiste em promover a publicação e a disseminação de pesquisas inovadoras que contribuam efetivamente para o avanço científico e tecnológico, estimulando a reflexão crítica e o desenvolvimento de novas abordagens investigativas. A revista persegue a visão de consolidar-se como referência de credibilidade e excelência acadêmica no contexto internacional, valorizando a produção científica que se ancora em evidências sólidas, metodologias reconhecidas e padrões éticos elevados.

A governança editorial do periódico opera em plataforma Open Journal Systems (OJS), garantindo transparência processual, rastreabilidade, interoperabilidade com bases internacionais e aderência às melhores práticas em editoração científica. A revista possui registro ISSN nas versões impressa e digital e atribui Digital Object Identifier (DOI) a todas as publicações, mediante associação ativa à Crossref, assegurando autenticidade, persistência e ampla citabilidade internacional. Sua atuação editorial mantém alinhamento às boas práticas recomendadas por organizações científicas de referência e aos princípios éticos, técnicos e normativos que orientam a gestão de periódicos acadêmicos qualificados, incluindo diretrizes consolidadas no âmbito da normalização internacional.



Os valores que regem sua atuação editorial fundamentam-se no rigor científico, na ética acadêmica e na promoção de um ecossistema plural de saberes. A diversidade disciplinar, a integridade intelectual, a inovação, o impacto social da ciência e a construção de redes colaborativas entre pesquisadores de diferentes nacionalidades constituem pilares estruturantes do periódico. Ao incentivar a interlocução entre centros de pesquisa, universidades e comunidades científicas, a International Integralize Scientific contribui para o desenvolvimento de uma ciência aberta ao diálogo, orientada à melhoria contínua e sensível às demandas contemporâneas.

Sua periodicidade regular, o compromisso com padrões editoriais elevados e a interlocução permanente com autores e avaliadores qualificados reforçam a credibilidade da revista como veículo legítimo de disseminação científica. Trata-se, assim, de um espaço editorial que acolhe a investigação acadêmica com seriedade, estimulando trajetórias de produção intelectual consistente, ética e socialmente relevante.

Ao posicionar-se como ponte entre diferentes culturas, idiomas e tradições científicas, a International Integralize Scientific reafirma o papel estratégico dos periódicos acadêmicos no fortalecimento da ciência global e na promoção de um conhecimento capaz de transformar realidades, ampliar horizontes e projetar pesquisadores brasileiros e internacionais em um ambiente científico de excelência.



Expediente Editorial

A Revista International Integralize Scientific é um periódico científico mensal dedicado à promoção e disseminação de conhecimento acadêmico de alta qualidade, orientado por rigor metodológico e compromisso ético. Seu propósito central consiste em oferecer um espaço de visibilidade qualificada para pesquisas inéditas, contribuindo para o fortalecimento do debate científico e para o desenvolvimento contínuo das diversas áreas do saber. Ao assegurar processos criteriosos de avaliação e seleção editorial, o periódico reafirma sua vocação institucional de fomentar o pensamento crítico, incentivar o intercâmbio intelectual e apoiar a formação de novas gerações de pesquisadores.

Diretor Geral

Dr. Luan Trindade

Responsável pela direção estratégica do periódico, conduz a governança institucional da revista, assegurando o alinhamento entre política editorial, expansão científica e fortalecimento das relações acadêmicas nacionais e internacionais.

Diretora Administrativa

Profa. PhD Vanessa Sales

Docente e pesquisadora, com trajetória consolidada na área acadêmica, coordena os processos organizacionais e de gestão editorial, contribuindo diretamente para a qualidade científica, ética e institucional das publicações.

Editor de Design Gráfico e Diagramação

Balbino Júnior

Profissional responsável pela curadoria visual, normatização gráfica e composição editorial, assegurando harmonia estética, legibilidade acadêmica e conformidade técnica das edições.

Características do Periódico

Periodicidade:

Mensal

Idiomas de Publicação:

Português, Inglês e Espanhol

Plataforma Editorial:

Open Journal Systems (OJS)

Registro Internacional:

SSN 3085-654X

Identificação Digital:

DOI registrado e associado à Crossref

Contato Editorial

Para esclarecimentos, submissões, parcerias institucionais ou orientações relacionadas ao processo editorial, a equipe técnica encontra-se à disposição através do e-mail:

publicacao@iiscientific.com

Endereço Institucional

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
Rodovia SC-401, Bairro Saco Grande
CEP 88032-005

A International Integralize Scientific mantém atuação editorial orientada pelas boas práticas científicas internacionais, alinhada aos princípios de integridade acadêmica, transparência editorial e responsabilidade social do conhecimento. Seu corpo diretivo e técnico atua de maneira integrada para assegurar excelência, continuidade e relevância científica em cada edição publicada.



Corpo Editorial e Conselho de Revisores por Pares

A revista adota um rigoroso processo de avaliação científica por pares (peer review), conduzido preferencialmente no modelo doubleblind, garantindo anonimato entre autores e revisores durante o processo avaliativo, imparcialidade na emissão dos pareceres e excelência acadêmica na seleção dos manuscritos publicados.

A divulgação institucional do corpo editorial e dos revisores por pares não estabelece qualquer vinculação entre avaliadores e artigos específicos, preservando integralmente a confidencialidade e a integridade ética do processo de revisão.

Editora-Chefe

Profa. PhD Vanessa Sales

Equipe Editorial

Prof. PhD Hélio Sales Rios
Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva
Prof. Dr. Francisco Rogério Gomes da Silva
Prof. PhD Manoel Coracy Dias Saboia
Prof. Dr. Daniel LaiberBonadiman

Declaração de Transparência Editorial

O periódico mantém registro formal de todas as etapas do processo de avaliação científica, assegurando confidencialidade, ética, independência acadêmica e conformidade com o modelo doubleblindpeer review, no qual autores e revisores permanecem mutuamente anônimos durante o processo avaliativo.

Conselho de Revisores por Pares (Peer Review Board)

O Conselho de Revisores por Pares é composto por pesquisadores com sólida formação acadêmica e reconhecida atuação científica. Os pareceres técnicos emitidos avaliam critérios de relevância científica, originalidade, consistência metodológica, contribuição teórica e adequação ética, fortalecendo o rigor e a credibilidade do periódico.

Pareceristas

Ciências da Educação

Dr. Carlos Mendonça
Dr. Marcelo Pertussatti
Dr. Ederson Renan Pacheco de Farias

Ciência da Saúde

Dr. Daniel Laiber
Dra. Luisa Bonadiman

Ciências Jurídicas

Dr. Avelino Thiago
Dr. James Melo de Sousa
Dr. Manoel Coracy

Educação Inclusiva

Dra. Fábila Roseana Souza Oliveira da Silva
Dra. Karla Roberta Melo de Vasconcellos

Tecnologia

Dr. Flávio Lopes
Dr. Geraldo Lúcio

Editor Gerente

Rayane Priscila Santos de Souza

Editores de Seção

Karolayne Luana de Oliveira Silva
Eloisa Bárbara Rodrigues Lima

Equipe de Produção Editorial

Reviane Francy Silva da Silveira
Priscila de Fátima Lima Schio
Lucas Teotônio Vieira

Editor Técnico

Balbino Júnior

Administrador do Sistema OJS

Vitor Santos

OXE! RESPEITE O MEU OXENTE: UMA ANÁLISE DA EXPRESSÃO DE IDENTIDADE CULTURAL E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO NORDESTE BRASILEIRO

OXE! RESPECT MY OXENTE: AN ANALYSIS OF THE EXPRESSION OF CULTURAL IDENTITY AND LINGUISTIC PREJUDICE IN NORTHEASTERN BRAZIL

OXE! RESPETEN MI OXENTE: UN ANÁLISIS DE LA EXPRESIÓN DE LA IDENTIDAD CULTURAL Y EL PREJUICIO LINGÜÍSTICO EN EL NORESTE DE BRASIL

RESUMO

Este artigo mergulha profundamente nas vivências de falantes de Cafarnaum, Bahia, para compreender como o preconceito linguístico atinge quem faz do "oxe" e do "oxente" sua marca de identidade primordial. Fundamentado na sociolinguística, o estudo discute como a variação linguística é um fenômeno natural da língua e como determinadas formas de fala são estigmatizadas socialmente por questões históricas e de prestígio. Por meio de uma escuta atenta a jovens e adultos da EJA, a pesquisa revelou um cenário de nítidos contrastes: embora todos os participantes sintam o peso do julgamento social, eles reafirmam sua fala como um território de afeto e resistência. Os resultados mostram que a língua, longe de ser apenas um sistema de regras, é o pulsar de uma cultura que se recusa a ser silenciada. Conclui-se que o caminho para uma educação verdadeiramente justa e inclusiva passa pelo reconhecimento de que cada sotaque carrega uma história singular e que a diversidade regional é, na verdade, um patrimônio que precisa ser celebrado, e não corrigido. Sendo necessário ampliar o debate sobre diversidade linguística, promovendo o respeito às variedades do português brasileiro.

Palavras-chave: Preconceito linguístico; sociolinguística; identidade cultural; educação de jovens e adultos; variação linguística.

ABSTRACT

This article delves deeply into the experiences of speakers from Cafarnaum, Bahia, to understand how linguistic prejudice affects those who make "oxe" and "oxente" their primary mark of identity. Based on sociolinguistics, the study discusses how linguistic variation is a natural phenomenon of language and how certain forms of speech are socially stigmatized due to historical and prestige issues. Through attentive listening to youth and adults in EJA (Education for Youth and Adults), the research revealed a scenario of sharp contrasts: although all participants feel the weight of social judgment, they reaffirm their speech as a territory of affection and resistance. The results show that language, far from being just a system of rules, is the pulse of a culture that refuses to be silenced. It concludes that the path toward a truly just and inclusive education involves recognizing that each accent carries a unique history and that regional diversity is, in fact, a heritage that must be celebrated rather than corrected. It is necessary to broaden the debate on linguistic diversity, promoting respect for the varieties of Brazilian Portuguese.

Keywords: Linguistic prejudice; Sociolinguistics; Cultural identity; Education for Youth and Adults; Linguistic variation;

RESUMEN

Este artículo profundiza en las vivencias de los hablantes de Cafarnaum, Bahía, para comprender cómo el prejuicio lingüístico afecta a quienes hacen de "oxe" y "oxente" su marca de identidad primordial. Fundamentado en la sociolingüística, el estudio analiza cómo la variación lingüística es un fenómeno natural del lenguaje y cómo determinadas formas de habla son estigmatizadas socialmente por cuestiones históricas y de prestigio. A través de una escucha atenta a jóvenes y adultos de la EJA (Educación de Jóvenes y Adultos), la investigación reveló un escenario de claros contrastes: aunque todos los participantes sienten el peso del juicio social, reafirman su habla como un territorio de afecto y resistencia. Los resultados muestran que la lengua, lejos de ser solo un sistema de reglas, es el pulso

de una cultura que se niega a ser silenciada. Se concluye que el camino hacia una educación verdaderamente justa e inclusiva pasa por el reconocimiento de que cada acento conlleva una historia singular y que la diversidad regional es, de hecho, un patrimonio que debe ser celebrado y no corregido. Es necesario ampliar el debate sobre la diversidad lingüística, promoviendo el respeto a las variedades del portugués brasileño.

Palavras-clave: Prejuicio lingüístico; Sociolingüística; Identidad cultural; Educación de Jóvenes y Adultos; Variación lingüística.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem, enquanto faculdade inerente ao ser humano, constitui o principal instrumento de interação social e construção de identidades. Longe de ser um sistema imutável, a Língua Portuguesa no Brasil configura-se como um mosaico de variações que refletem a vasta extensão territorial e a complexidade histórica do país. Entretanto, a persistência do "mito da língua única" (Bago, 2007) estabelece uma hierarquia arbitrária, na qual as variantes do eixo Sul-Sudeste são elevadas ao status de padrão, enquanto os falares nortistas e nordestinos são, frequentemente, estigmatizados e relegados à margem.

Neste cenário, a expressão "Oxe! Respeite o meu oxente" transcende o uso cotidiano, consolidando-se como um manifesto de resistência e busca por cidadania linguística. O problema central desta pesquisa reside na constatação de que a fala nordestina — marcada por prosódias e léxicos singulares — é utilizada, por vezes, como critério de exclusão em processos seletivos e ambientes corporativos. Termos como "oxe" e "oxente", embora identitários e culturalmente densos, são alvos de estereótipos negativos que vinculam a variação regional a uma suposta carência de letramento ou de conhecimento da norma-padrão.

"Esse fenômeno revela a face perversa do preconceito linguístico, que atua de forma silenciosa e estrutural. Como observa Bago (2006, p. 75), tais preconceitos 'impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo'. Diante dessa naturalização, o autor ressalta que, é necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito.

Nesse sentido, torna-se imperativo o desenvolvimento de uma pedagogia da variação que legitime as identidades locais, sem que se negligencie o acesso democrático aos bens linguísticos de prestígio."

Diante disso, este artigo objetiva analisar o uso dessas expressões sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista e da Economia das Trocas Linguísticas, investigando as percepções sociais e a relação entre linguagem e poder. A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de impedir que a identidade regional se torne um entrave à ascensão socioeconômica, reafirmando a língua como um capital humano plural, heterogêneo e indissociável das dinâmicas sociais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A língua como espelho e ponte

O preconceito linguístico no Brasil não caminha sozinho; ele é, em essência, o reflexo de uma exclusão social profunda e estruturante. Quando olhamos para a língua, percebemos que ela deixa de ser um simples código neutro para se tornar um território onde se disputam poder e identidade. Ao entrelaçarmos as vozes de Bagno (2007), Carlos Alberto Faraco (2008) e Bortoni-Ricardo (2004), compreendemos que a fala é um capital simbólico: quando alguém é silenciado pelo seu modo de dizer, o que se perde não é apenas uma palavra, mas a própria legitimidade daquela existência.

A discriminação linguística persiste como uma ferida social porque atinge o coração da identidade. Ao estigmatizar o sotaque e as escolhas lexicais de grupos historicamente marginalizados — como a população negra, pobre, nordestina e os moradores das zonas rurais —, o sistema não apenas corrige uma gramática, mas deslegitima o direito desse cidadão de ocupar espaços. A articulação desses autores nos revela que a língua é, fundamentalmente, um instrumento de poder e de resistência.

Portanto, enfrentar o preconceito linguístico é um passo indispensável para combater as desigualdades brasileiras. Reconhecer a beleza e a lógica de cada variante — do "oxente" ao "nós vai" — é mais do que uma escolha pedagógica; é um ato de cidadania. Implica transformar a escola em um lugar de acolhimento, onde o ensino da norma culta seja uma oferta de novas possibilidades, e nunca um motivo para apagar as raízes culturais de quem fala.

2.2 O Preconceito Linguístico e o Poder

Para Marcos Bagno (2007), o preconceito linguístico é, na verdade, uma exclusão social que se esconde sob o manto do rigor gramatical. O julgamento não recai sobre as palavras em si, mas sobre as pessoas que as pronunciam. No Brasil, esse fenômeno é alimentado por um sistema que insiste em olhar para a variação regional como um erro, esquecendo-se de que a língua é um organismo vivo, que pulsa e se transforma a cada conversa.

O que Bagno nos revela é uma forma de "violência simbólica": o incômodo que alguém sente ao ouvir um "oxente" ou um modo de dizer do campo não é uma questão de sintaxe, mas de distância social. Quando rotulamos a fala do outro como "errada", estamos, no fundo, fechando as portas para sua história e sua capacidade de ocupar espaços. A gramática, em vez de ser uma ponte que une, acaba sendo usada como uma cerca que separa quem "sabe" de quem "não sabe".

Nesse cenário, muitas vezes a escola e a mídia atuam como guardiões de um museu linguístico, tentando manter a língua petrificada. É como querer que uma árvore pare de crescer para que ela caiba em uma moldura antiga. Bagno nos convoca a mudar essa lógica: precisamos parar de enxergar o português como uma lista de proibições e passar a entendê-lo como um repertório generoso de possibilidades.

Em última análise, lutar contra o preconceito linguístico é um ato de humanidade. É reconhecer que, por trás de cada sotaque e de cada escolha lexical, existe um cidadão brasileiro cuja cultura merece ser celebrada, e não silenciada. É substituir o peso da punição pela leveza da adequação, valorizando a diversidade que nos torna únicos.

2.3 A norma-padrão como construto social: variação linguística, preconceito e exclusão

Os diferentes grupos sociais se distinguem, portanto, pelas formas de língua que lhes são de uso próprio. Assim, numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas. Como, por exemplo, normas características de comunidades rurais tradicionais, aquelas de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, normas características de grupos juvenis urbanos, normas características de populações das periferias urbanas, e assim por diante." (Bagno, 2008, p. 42,43).

A língua não é uma estátua de pedra, fria e imóvel; ela é um organismo vivo

que respira e muda conforme a sociedade se organiza. Carlos Alberto Faraco (2008) nos mostra que o jeito de falar de cada grupo não é fruto do acaso. Pelo contrário, nossas palavras carregam nossa história, nossa cultura e, acima de tudo, quem nós somos.

Dentro dessa visão, a ideia de "erro linguístico" perde seu sentido científico. Afinal, toda forma de falar tem sua própria lógica e beleza. O que acontece, na prática, é que elegemos uma única forma — a norma-padrão — como o "modelo ideal", o que acaba silenciando e diminuindo todas as outras vozes. É por isso que expressões tão cheias de vida, como o "oxe" e o "oxente", costumam ser vistas com olhar torto em ambientes formais. Esse incômodo não nasce de um problema na fala, mas de um julgamento social que decide qual sotaque "vale mais".

O problema, é claro, não está na existência de uma norma culta — ela é uma ferramenta importante para certos momentos da vida. O erro está em usá-la como um muro para separar as pessoas ou como uma régua para medir a inteligência de alguém. Quando rotulamos a fala de alguém como "errada", estamos praticando uma exclusão invisível, atingindo diretamente o coração de quem vem de regiões ou contextos populares. Julga-se a pessoa, sua origem e sua família, e não apenas sua gramática.

Por tudo isso, precisamos transformar o modo como ensinamos o português. Mais do que decorar listas de proibições, a escola deve ser um lugar de encontro com a diversidade. Ensinar a norma-padrão deve ser um ato de generosidade: oferecer ao aluno um "novo traje" para ocasiões especiais, sem nunca pedir que ele jogue fora as roupas que trouxe de casa. Reconhecer que a língua é múltipla é o primeiro passo para uma sociedade mais justa, onde a diferença seja vista como uma riqueza que nos une, e nunca como um motivo para excluir.

2.3 Variação linguística e o cotidiano escolar: um olhar além do erro

Entender a língua como uma prática social viva exige mergulhar nas ideias de Stella Maris Bortoni-Ricardo. Referência no Brasil, ela nos convida a enxergar a escola não como um tribunal, mas como um espaço de encontros pedagógicos. Para a autora, a variação linguística está longe de ser um "desvio"; ela é o pulsar natural das nossas interações. Cada falante, ao abrir a boca, traz consigo sua história e escolhe os recursos que melhor cabem no momento.

Bortoni-Ricardo (2004) nos propõe um ensino de língua materna baseado na **adequação, e não na punição**. É aqui que entra sua famosa metáfora dos "trajes": o papel de quem ensina é mostrar que existem diferentes roupas linguísticas para diferentes ocasiões. Assim, o "oxente" é validado como a língua do afeto, da casa e da cultura, enquanto a norma culta é apresentada como uma nova ferramenta — um "traje" que amplia o poder social do estudante sem exigir que ele abra mão de quem é.

A realidade brasileira é um mosaico complexo. Bortoni nos ajuda a percorrê-lo através dos "continuuns" linguísticos, mostrando que transitamos entre o rural e o urbano, entre o falar e o escrever, conforme a vida exige. Essa visão quebra o muro rígido entre o "certo" e o "errado", substituindo o julgamento pelo contexto.

No dia a dia da sala de aula, essa postura exige mediação. Uma "educação sociolinguística" significa acolher o repertório que o aluno traz de casa como o alicerce da aprendizagem. Em vez de silenciar o estudante com correções ríspidas, o professor atua como um guia que amplia horizontes. A escola, portanto, não substitui a voz de origem do aluno; ela lhe oferece novas vozes.

Valorizar expressões como "oxe" e "oxente" é reconhecer a legitimidade de identidades muitas vezes marginalizadas. Ao abraçar essas variantes como patrimônio, a escola ajuda a construir uma autoestima linguística positiva e combate às desigualdades escondidas na gramática. Em suma, seguir os passos de Bortoni-Ricardo é apostar em uma pedagogia que ensina a norma-padrão sem deixar de respeitar a dignidade de cada forma de falar.

3 METODOLOGIA

3.1 O caminho da escuta

Esta pesquisa seguiu uma abordagem **mista (qualitativa e quantitativa)**, mergulhando na sociolinguística descritiva para entender não apenas como as pessoas falam, mas como elas se sentem em relação ao que dizem. O foco central foi investigar o uso das expressões "oxe" e "oxente" e as marcas deixadas pelo preconceito linguístico no cotidiano baiano.

3.2 O cenário e as vozes da pesquisa

O estudo criou raízes no município de **Cafarnaum, Bahia**. Para dar vida à análise, contei com a colaboração de **12 participantes**, escolhidos para representar duas gerações que vivenciam a escola de formas distintas:

- **Jovens da EJA Juvenil Ensino Médio** (15 e 16 anos), trazendo a visão da nova geração;
- **Estudantes da EJA Ensino Médio** (24 a 44 anos), cujas trajetórias de vida e maturidade oferecem uma perspectiva profunda sobre a relação entre língua e trabalho.
- *Nota Ética:* Para honrar a confiança dos participantes e garantir sua liberdade de fala, todos os nomes foram preservados sob o sigilo de códigos de identificação.

3.3 O Instrumento: Mais que Perguntas, Diálogos

A coleta de dados aconteceu por meio de um **questionário semiestruturado**. Mais do que preencher lacunas, as 12 questões buscaram mapear a identidade de cada um, os contextos em que o "oxente" ganha força e as situações dolorosas onde a chacota e a estigmatização apareceram. O objetivo foi capturar tanto o dado exato quanto o desabafo.

3.4 Tecendo a Análise

O olhar sobre esses dados foi guiado pela Sociolinguística Variacionista, com o apoio sensível de **Marcos Bagno**. O processo de análise seguiu dois caminhos complementares:

- **Tabulação:** onde as respostas objetivas ganharam forma em frequências e percentuais, desenhando o panorama do uso linguístico em Cafarnaum;

- **Análise de Conteúdo:** onde as justificativas abertas foram lidas com atenção para identificar temas profundos, como raiz cultural, episódios de chacota e movimentos de resistência.

Essa análise buscou compreender a fala sob a ótica de **Carlos Alberto Faraco**, enxergando a língua como um território de disputa onde a norma culta é um objeto socialmente construído para privilegiar certos grupos. Ao mesmo tempo, fundamentou-se nos **continuuns linguísticos de Stella Maris Bortoni-Ricardo** para observar como os participantes transitam entre o regional e o padrão. Para os autores, cada palavra carrega um valor histórico e social; assim, investigamos se o uso do "oxente" é sentido como um "traje" de identidade e afeto ou se a pressão social gera nos colaboradores uma insegurança linguística ao ocuparem espaços de prestígio.

4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS: O QUE AS VOZES DE CAFARNAUM NOS DIZEM: SENTIMENTOS E RESISTÊNCIA

A análise dos dados colhidos em solo baiano nos revela que a língua é muito mais que um sistema de regras: ela é, ao mesmo tempo, o lugar onde a exclusão dói e o instrumento pelo qual o poder de ser quem se é ganha força.

4.1 O Consenso da Dor: O Preconceito como Realidade Partilhada

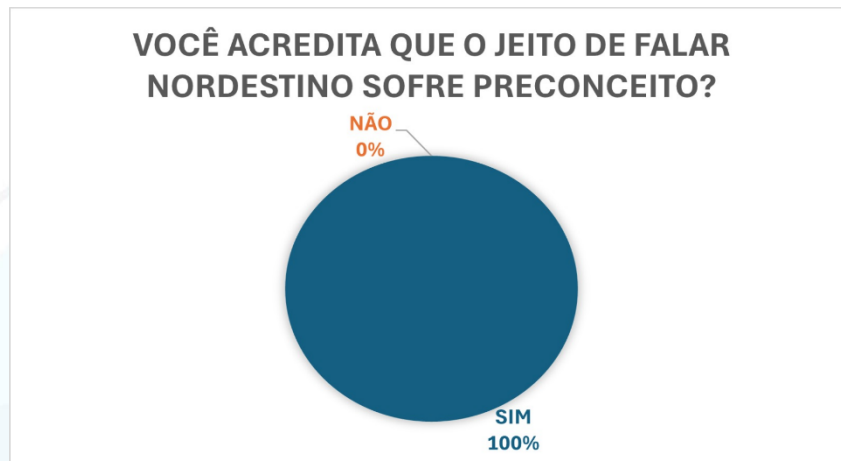
Ao ouvirem sobre o julgamento contra o falar nordestino, o silêncio deu lugar a um consenso absoluto: Os resultados da pesquisa de campo revelam uma realidade preocupante. /como demonstra a figura 1, 100% dos participantes reconhecem que o preconceito existe e é real. Não se trata apenas de uma estatística, mas de uma percepção coletiva de que a nossa identidade é constantemente posta à prova. Como bem pontua um dos colaboradores quando foi questionado se já presenciou alguém sendo criticado por falar "oxe" ou "oxente":

“Já vi sendo motivo de chacota pelo sotaque e pela pessoa que ela é”.

Esse relato dá rosto à tese de Bagno (2007): o ataque nunca é apenas à

palavra, mas ao ser humano que a pronuncia.

Figura 1- Percepção sobre o preconceito linguístico
contra o falar nordestino



Fonte: Elaborado pela autora (2026)

4.2 A Escola como Palco de Conflitos: Entre o Acolhimento e a Crítica

A pesquisa nos mostra que as paredes da escola não conseguem barrar o preconceito que vem de fora. Mais da metade dos entrevistados (58%) já presenciou alguém sendo repreendido ou ridicularizado por usar um simples "oxe". Esse dado nos alerta para a "violência simbólica" que ocorre no cotidiano escolar, onde o sotaque regional, muitas vezes, é tratado como um intruso em ambientes que deveriam ser de plena aceitação.

Figura 2 – Frequência de relatos sobre ridicularização do uso de marcadores discursivos regionais



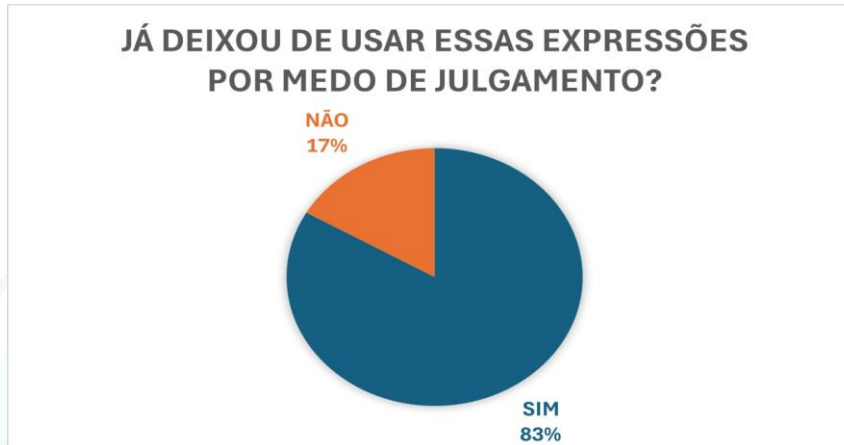
Fonte: Elaborado pela autora (2026)

4.3 A Força do "Oxente": O Traje que Ninguém Tira

Talvez o achado mais emocionante desta pesquisa seja a coragem dos falantes. Mesmo sabendo que o preconceito está à espreita, 83% dos participantes se recusam a silenciar sua origem. O medo do julgamento existe, mas o orgulho de pertencer a Cafarnaum é maior. Aqui, o "oxente" deixa de ser apenas uma expressão e se torna o "traje" de identidade inegociável que **Bortoni-Ricardo** defende.

O depoimento de um aluno da EJA resume essa postura de enfrentamento: *"Não vou deixar de ser o que sou por causa do preconceito"*. É a prova de que, para o povo baiano, a língua não é apenas para falar; é para resistir e existir com dignidade. Os dados da pesquisa corroboram essa tensão entre o desejo de expressão e a autocensura, conforme ilustrado na Figura 3:

Figura 3 – Incidência de autocensura linguística por medo de julgamento social



Fonte: Elaborado pela autora (2026)

A análise dos resultados revela que, embora a resistência seja uma marca da identidade dos alunos, o custo psicológico dessa manutenção é elevado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Por uma pedagogia do respeito

A expressão “**Respeite o meu oxente**” vai muito além de uma frase de efeito; ela se consolida, neste estudo, como um grito de resistência e um pedido de licença para existir com dignidade. Ao ouvirmos as vozes de Cafarnaum, percebemos que o preconceito linguístico ainda atua como uma cerca invisível, tentando barrar o acesso de falantes nordestinos a espaços de trabalho e de prestígio, como se o sotaque fosse um impeditivo para a competência.

Ficou claro que a língua nunca é neutra. Quando alguém julga o "oxente", não está analisando gramática, mas sim rotulando a origem, a classe social e a história de quem fala. É uma ferida que tenta diminuir o sujeito. No entanto, o achado mais potente desta pesquisa é a **recusa ao silêncio**. Os colaboradores não apenas identificam o preconceito, mas escolhem carregar seu modo de falar como uma

bandeira. Para eles, o "oxente" é afeto, é memória de casa e é o que os torna únicos.

No chão da escola, essa realidade nos convoca a uma mudança urgente. Não podemos mais aceitar um ensino que funcione como um tribunal. Precisamos de uma educação que ofereça a norma-padrão como um "novo traje" para o mundo, sem nunca exigir que o aluno disfarce ou sinta vergonha das roupas que trouxe de suas raízes. Ensinar a norma deve ser um ato de ampliar horizontes, e não de apagar identidades.

Da mesma forma, o mercado de trabalho precisa entender que a diversidade brasileira também se faz pelo sotaque. Uma sociedade justa é aquela que não exige que o cidadão abra mão de sua essência para ser respeitado profissionalmente.

Concluimos, portanto, que **valorizar o "oxente" é, acima de tudo, valorizar a pessoa**. É reconhecer que cada sotaque carrega uma história legítima e que a nossa pluralidade linguística não é um erro a ser corrigido, mas um patrimônio que nos orgulha. Que o respeito à fala seja, finalmente, o primeiro passo para o respeito ao ser humano.

6 REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. São Paulo: USP, 1991.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

